

# A FORÇA LIBERTADORA DO MONOTEÍSMO

---

Análise de temas centrais,  
desenvolvidos na "Nova Filosofia"  
de Bernard-Henri Lévy

---

Prof. Dr. Renold J. Blank

## 1. UMA ÉTICA SOCIAL QUE SE OPÕE À "MÁQUINA DE SENTIDO"

Perante as tentativas de uma planificação total do indivíduo como as constatamos nas sociedades atuais; perante as manipulações que em última consequência podem conduzir a uma opressão totalitária, incluindo campos de concentração e salas de tortura; perante uma tal realidade, a filosofia contemporânea descobre a sua nova responsabilidade.

É assim que a "Nova Filosofia", na França, se situa no grande contexto da *"resistência contra a má-*

*quina de sentido"*, como o formula Bernard-Henri Lévy no seu livro: *O Testamento de Deus*<sup>1</sup>. Contra todos aqueles que no mundo inteiro *"perseguem ao ar livre, nos céus da esquerda e da direita a sua obra de sujeição"*<sup>2</sup> deve-se desenvolver aquilo que Lévy nomeia *"uma nova ética da resistência"*.

Nela, deve-se tratar de uma resistência orientada pela experiência de Moisés no deserto, conduzida pelo encontro, dois mil anos atrás, com um Deus rebelde, com um Deus que cada vez que aparecia *"rejeitava de maneira reso-*

---

1. Bernard-Henry Lévy: *Le Testament de Dieu*, Paris, Ed. Grasset, 1979.

2. Id., *ibid.*, p. 104.

*luta toda forma de superstição*<sup>3</sup> e de idolatria.

Um dos primeiros mandamentos deste Deus Libertador foi a proibição de fabricar qualquer ídolo dele: "**Não farás para ti imagens esculpadas, nem qualquer imagem do que existe no alto dos céus...**" (Ex 20,4)

O Deus de Moisés não aceita ser fixado e reduzido a uma imagem qualquer... Este Deus, porém, criou o homem à sua semelhança.

Se Ele assim o criou, e se ele mesmo queria ficar sem imagem qualquer, este homem, sendo semelhante a Deus, deve ficar sem imagem também<sup>4</sup>.

Não fazer uma imagem de Deus implica a exigência de não se fazer uma imagem do homem.

Não se fazer uma imagem, no entanto, é sinônimo de deixar ao outro a liberdade de ser ele mesmo, de não o manipular.

Assim, os homens descobrem, ou poderiam descobrir, a partir do primeiro contato íntimo com JAVÉ, as premissas para o seu comportamento social.

Porém, em vez de aplicá-las — diz **Bernard Henri Lévy** — os adeptos desse Monoteísmo teriam pactuado durante séculos com

opressores de todos os lados. O Deus deles perdeu a sua credibilidade, e o cristianismo, mais tarde, também não recuperou a sua força autêntica. Uma força que vivia ainda na imagem do Deus dos profetas do Antigo Testamento.

Para desenvolver uma nova moral social, há muito tempo tão necessária, **Lévy** postula aquilo que ele chama "**a resistência de baixo**"<sup>5</sup>. Ela será possível se os homens redescobrirem a mensagem esquecida do Monoteísmo primitivo do Antigo Testamento. Na situação de hoje, diz o filósofo, este Monoteísmo será a base mais sólida para podermos desvelar e rejeitar os mecanismos abertos e escondidos da opressão, nomeada por Lévy "**a máquina do sentido**" ...Pois este Monoteísmo "**não é nem um monismo, nem um teísmo, mas uma ética concreta, uma celebração do Direito, um penhor sobre o universo e o milagre de uma razão, cuja cifra impossível é talvez o único e o mais certo meio contra os perigos de demissão e de sujeição consciente.**"<sup>6</sup>

## 2. A DENÚNCIA DE UMA OPRESSÃO SOCIAL ESCONDIDA

Para poder compreender esta assim chamada "**resistência de bai-**

**xo**", deve-se saber em primeiro lugar contra o quê, ou contra quem ela será ativa. **Lévy** o explica em seu livro, *O Testamento de Deus*. Utilizando o termo "**resistência**", ("**résistance**", em francês), ele provoca toda uma série de associações muito caras aos franceses, pois a lembrança dos anos da "**résistance**" contra a ocupação alemã está viva ainda nos dias de hoje.

Entretanto, na visão de **Lévy**, o termo alcança um significado muito mais amplo. Não se trata, como na época da "**résistance**", de uma oposição que se dirige em primeiro lugar contra um opressor político. Pelo contrário, esta oposição, na visão de **Lévy**, dirige-se contra um "**ditado**" muito mais complexo, contra um "**ditado**" que na maioria dos casos é muito distante mesmo da política, "**a limite do Estado, de partido ou de ideologia**"<sup>7</sup>.

Mas, apesar de ser muito mais sublime, ela não deixa de ser opressão, querendo "**submergir o corpo dos humildes**"<sup>8</sup>.

Ela se realizará, como cada opressão, através do sofrimento e da dor. Para classificá-la e para denunciá-la, **Lévy** não se poupa de usar termos muito fortes. Trata-se de uma opressão que tenta "**fazer calar uma alma esmagada**"<sup>9</sup>, isto é, ela em nada se distingue da-

quilo que qualquer opressão até agora conhecida quer alcançar: ela quer "**fazer calar**", ela aspira quebrar o homem. O que a torna muito mais perigosa do que qualquer outra maneira de oprimir, é o seu aspecto simples, seus métodos discretos, despercebidos e eficientes.

Segundo o autor, ela se baseia em *4 princípios básicos*, cujos aspectos fundamentais serão nomeados em seguida:

### 2.1. O PRINCÍPIO DA ECONOMIA

Descuida-se da dor dos homens concretos em nome de uma visão global. A consequência desta maneira de pensar e de agir é um desprezo cada vez mais acentuado pelo indivíduo, um desprezo que finalmente aniquila este indivíduo por meio de uma força anônima. O homem como valor é substituído pelos assim chamados valores abstratos e objetivos.

### 2.2. O PRINCÍPIO ESTATÍSTICO

A dor do indivíduo concreto, pisado pelas "**visões globais**" do princípio de economia, pode ser classificada e etiquetada. Assim, ela se torna "**regular**" e chega finalmente a ser costume. Da dor concreta do indivíduo faz-se um elemento "**normal**" dentro do grande movimento de progresso, realizado pela coletividade.

3. Id., *ibid.*, p. 164.

4. Karl Dieter Ulke: *Der abwesende Gott und die verratene Freiheit*, em: *ORIENTIERUNG* 12 (45), Zuerich, 1981, p. 147.

5. Lévy: *op. cit.*, p. 223.

6. Id., *ibid.*, p. 9.

7. Id., *ibid.*, p. 223.

8. Id., *ibid.*

9. Id., *ibid.*, p. 223.

Este ponto de vista é nada mais do que a continuação conseqüente do desprezo do homem, revelado já pelo assim chamado princípio de economia. Mas à omissão da dor do indivíduo acrescenta-se ainda um elemento manipulador, pois quanto mais se repete em todas as ocasiões a opinião que a dor do indivíduo é inevitável, tanto mais os ouvintes nela assim acreditarão.

### 2.3. O PRINCÍPIO DE QUÍMICA

A terceira maneira de pensar é marcada por aquilo que Lévy nomeia o "princípio de química". O desprezo do homem concreto continua inalteradamente, pois os adeptos deste ponto de vista também não valorizam o indivíduo, mas pelo contrário, justificam as dores e os desprezos dele pelo objetivo a ser alcançado no futuro. Com a promessa de um futuro paradisíaco, de uma visão global e harmoniosa deste futuro, os adeptos desta maneira de argumentar justificam cada violência contra o indivíduo atual com promessas referentes a este futuro. São promessas utópicas e manipuladoras, contra as quais a "resistência de baixo" deve opor com muito rigor a verdade tão concreta de que **"basta um único homem sofrendo para provar que toda harmonia fracassa e transforma-se em confusão"**<sup>10</sup>.

### 2.4. O PRINCÍPIO DA ÓTICA

Às já nomeadas três razões para o desprezo ao indivíduo, acrescenta-se mais uma quarta, que talvez seja a mais perigosa. Por meio de uma manipulação impertinente e mentirosa, diz Lévy, os valores são convertidos em seus opostos. Sugere-se ao homem que sofre que ele deve desprezar os seus sofrimentos, que ele se engana quando lhes atribui alguma importância. Enfim, não é mais o culpado aquele que provocou o sofrimento, mas aquele que sofre. Eis o cúmulo da manipulação, e ao mesmo tempo o cume do desprezo ao homem.

### 3. A "MÁQUINA DE SENTIDO"

Cada um dos 4 princípios mencionados, pertence à mesma força manipuladora; nada mais é do que uma face dela, um elemento dentro de um sistema de planificação, cujo eixo é a tentativa de reduzir o homem ao nível de um objeto, manejável e mutável, como qualquer outro objeto. Denominado todo este mecanismo, uma "máquina de sentido", Lévy quer chamar a atenção para o processo atual de "coisificação" do homem. Um processo que em muito é mais complexo e mais perigoso do que na época onde Heidegger usou a noção do mal, e Kafka descreveu suas figuras despersonalizadas.

A máquina de sentido quer produzir o "seu" sentido para o homem, um sentido fixado por sistema de planificação e imposto ao indivíduo como sendo o sentido dele. O que torna esta situação cada vez mais grave é o fato de que uma massa crescente de homens já se acomodou a ela. A máquina de sentido não mais assusta como na época de Kafka. Nós já estamos acostumados a ela, e isto exatamente é o seu objetivo.

Uma oposição contra tudo isso não mais terá uma perspectiva de sucesso, se ela se apoiar unicamente nos argumentos esvaziados de um humanismo racional ou sociológico, de um humanismo que finalmente cresceu das mesmas bases materialistas como a contraposição da "Máquina". Uma oposição, para ter alguma chance de salvar o valor e a dignidade daquele que foi criado à imagem e semelhança de Deus, deve redescobrir as dimensões metafísicas deste homem e também de seu ambiente, chamado o mundo. Será a partir desta base que deve começar um retorno "ad fontes". Desta vez não às fontes de uma cultura clássica idealizada, mas àquelas muito mais arcaicas da Bíblia e de seu monoteísmo. A partir da visão bíblica, as manobras da "máquina de sentido" obtêm um significado, onde as noções do Mal se interligam com manipulação e inumanidade, mas também com dignidade ou humanidade, pois se ten-

ta fazer desaparecer a noção do Mal. Por meio de todo um aparato de manipulação se tenta chegar a uma transmutação dos valores. Uma transmutação, cujo último objetivo é o desaparecimento da noção do Mal. Esta tentativa, porém, de eliminar a noção do Mal, de nulificá-la, revela-se, nesta perspectiva, como a verdadeira raiz do Mal. Uma raiz escondida e que busca a se esconder. Desvelar este mecanismo, é um dos grandes objetivos da Nova Filosofia.

### 4. A BANALIZAÇÃO DO INUMANO COMO PRIMEIRO PASSO PARA A NULIFICAÇÃO DO MAL

Aquilo que Lévy define como a "Nulificação do Mal", realiza-se passo a passo na consciência dos homens, sendo eles sujeitos a todo um sistema de manipulação descrito nos capítulos anteriores. Ela começa ao nível do dia-a-dia, fazendo desaparecer do pensamento a necessidade e a obrigação de preocupar-se com o outro. Pois, à medida que o sofrimento e a situação inumana tornam-se um costume geral, eles perdem o seu caráter especial e se tornam banais. Sobre as banalidades da vida, porém, não vale a pena falar.

Os mecanismos pelos quais serão provocados e efetuados tais efeitos de indiferença, já foram mencionados. No contexto deles, Lévy chama a atenção para o fato de que **"muitas vezes basta falar de uma desgraça ou de um tipo**

10. Id., *ibid.*, p. 234.

de escravidão, dando a eles um sentido... para colaborar com eles e contribuir para apagá-los"<sup>11</sup>. Esta tese recorda o famoso "slogan" dos pedagogos, segundo o que "nomear significa compreender". Mas aquilo que pode ter um valor positivo em nível da pedagogia, em nada o tem quando se trata de desvelar os mecanismos da doutrinação social. Frequentemente, **compreender** se torna sinônimo de **esquecer**.

Numa sociedade de informação total, que ao mesmo tempo é uma sociedade de consumação, cada informação se transforma para o destinatário num ato de consumo. O homem de hoje consome as informações da mesma maneira como ele consome um excesso de outros produtos que esta sociedade de consumo lhe oferece; sejam eles imagens de crianças mortas de fome ou de mulheres abatidas por armas químicas, o homem de hoje já se acostumou a isso.

Em último caso, a partir do momento em que ele é informado sobre as razões e os motivos para o uso daquele gás ou sobre as causas atmosféricas da fome daquelas crianças, o acontecimento lhe parece classificado. Neste caso, porém, o acontecimento inumano torna-se "objeto", sobre o que se discute de maneira objetiva. Entretanto, a ótica "objetiva" nunca se

preocupa com a situação individual, emocional e existencial daquele indivíduo. Na objetivação se perde o homem concreto em nome de um princípio.

Esta mentalidade, sendo também, e não em último lugar, o produto de um excesso de informações, desenvolveu-se imperceptivelmente dentro de nossas sociedades. O que deveria inicialmente funcionar como um mecanismo de proteção contra novidades em demasia, é ao mesmo tempo, uma porta de entrada para cada espécie de manipulação. Um dos notáveis valores do livro de **Bernard-Henry Lévy** é o fato de que ele alerta, de modo convincente, sobre as possibilidades de que tais mecanismos podem ser e são usados abusivamente por tantos sistemas de doutrinação, de esquerda à direita, em muitos campos e muitos lugares do mundo.

Os sistemas de autoproteção do homem são descritos desde muito tempo pela psicologia.

Os mecanismos da propaganda totalitária são conhecidos pelo menos desde o *Terceiro Reich*.

Os fatos em si não apresentam nada de novo.

O que faz o valor da argumentação de **Lévy** é que ele mostra as ligações que se podem realizar entre os dois mecanismos, não aqueles no nível grosseiro de uma pro-

paganda política — estes também já são por demais conhecidos —, mas aqueles que se estabelecem dentro do "*sutil, discreto e inocente processo de uma linguagem que se integra simplesmente num terrível discurso de ordem*"<sup>12</sup>.

O verdadeiro perigo e o essencial pecado social é este, que um totalitarismo qualquer, seja ele de ordem econômica, política ou social, se aproveite destes processos sutis para encobrir e legitimar assim os seus crimes contra a dignidade humana.

E isso, de fato, se faz no mundo de hoje. Eis a grande tentação daquilo que **Lévy** denuncia como novo fascismo. "*Tanto na esquerda como na direita*" — diz ele — "*constata-se a mesma maneira de decretar necessário o horror, afirma-se o ódio a ele, quando é adotado em sua face gêmea*"<sup>13</sup>.

Da mesma maneira constatamos em todas as faixas ideológicas, em torno do mundo, da direita à esquerda, as mesmas tentativas não só de banalizar os crimes do totalitarismo, mas, mais ainda, de banalizar o totalitarismo em si. Porém, "*dando sentido àquilo que não o tem*"<sup>14</sup> aumenta-se "*o perigo de justificar o injustificável*"<sup>15</sup>.

## 5. A DIMENSÃO METAFÍSICA DA NULIFICAÇÃO DO MAL

Ninguém duvida do fato de que todos os mecanismos mencionados e descritos nos capítulos anteriores, poderiam ser estudados e condenados ao nível de uma visão fenomenológica. **Lévy**, porém, ultrapassa este nível quando usa o termo de Nulificação do Mal<sup>16</sup>.

Não só o uso do termo "*o Mal*", mas também o fato de que esta noção é escrita com maiúscula, indicam que se passa para uma interpretação metafísica do fenômeno.

Uma "*Nulificação do Mal, de longe ultrapassa em seu significado a banalização*". Esta última permanece na ordem dos fenômenos, a outra toca o metafísico. Será bem isto a ótica da argumentação, e será bem isto também que a máquina de sentido quer fazer esquecer. Ela tenta dissimular o fato de que cada totalitarismo, em sua tentativa de negar a dignidade do ser humano, toca, por causa disso mesmo, a questões metafísicas. O perigo de esquecê-lo aumenta no dia-a-dia, pois a doutrinação já mostra os seus frutos. Contra ela, e contra cada tentativa de banalização, o livro de **Lévy** alerta para as di-

11. Id., *ibid.*, p. 225.

12. *op. cit.* p. 226.

13. *op. cit.* p. 112.

14. *op. cit.* p. 226.

15. *ibid.*

16. *op. cit.* p. 227.

mensões mais profundas, para as causas escondidas do desprezo ao homem, pois, **"de Robespierre a Mao, não há nenhum totalitarismo sem esta referência insistente, patológica, obsessiva à morte de Deus uno e soberano"**<sup>17</sup>.

É sob este aspecto metafísico que devemos considerar o crime contra o homem. Ultrapassando todas as monstruosidades de um Arquipélago GULAG qualquer, ele consiste em nos fazer crer que **"dar sentido significa paradoxalmente não mais perceber nada de tudo, não tomar partido, ou pelo menos pôr-se no ponto de vista do assassinio legítimo"**<sup>18</sup>. Aqui o verdadeiro perigo. Aqui também o verdadeiro Mal.

Sendo compreendido, porém, este mal a partir de uma visão metafísica, então se deve também recorrer ao mesmo nível para a superação dele. Tanto mais que todos os outros meios já se mostraram insuficientes. A nulificação do Mal é uma realidade inegável em nossa época.

Nesta situação de emergência, reaparece a lembrança do Mono-teísmo mosaico, e ele se revela como sendo **"o pensamento da resistência de nossa época pelo sim-**

**ples fato de que ele propõe uma definição do Mal"**<sup>19</sup>.

E esta lembrança põe em evidência enfim, que **"o GULAG não tem um nome secular, que a única maneira de não o banalizar é a sua aceitação, vindo nele não mais a Divina Comédia, mas a Comédia diabólica de nossos tempos"**<sup>20</sup>.

O grande engano que a máquina de sentido queria nos fazer aceitar é este: querer dar sentido a este Mal. Mas o Mal, o **"denso, mas insensato buraco do ser... forçosamente só existe à medida que é despojada do mínimo significado"**<sup>21</sup>. Sendo assim, cada propaganda ou manipulação que nos quer fazer crer o contrário, é ela mesma uma força do Mal.

Devemo-nos perguntar, porém, se esta definição do Mal não é exagerada?

Será que o autor tem razão de dar ao crime contra a humanidade um significado claramente religioso?

Não é exagerada esta identificação das tendências mentirosas de manipulação com o **"Mal radical"**, de maneira que se pode compreendê-las unicamente a partir de um ponto de vista teológico?

Para Lévy, pelo menos, a identificação parece evidente. Tão evi-

dente mesmo que ele acha desnecessário prová-la. O que ele propõe, não é uma justificação da identificação estabelecida entre o Mal e máquina de sentido, mas uma explicação metafísica da relação entre o Mal e o mundo. Esta relação é vista e interpretada a partir da imagem de um Deus que faz compreender que **"o mundo vive sob a lei do Mal e que o Mal, em contrapartida, é o outro nome para o mundo"**<sup>22</sup>.

Sem querer entrar numa crítica desta visão pessimista ou talvez dualista do mundo, devemos tentar buscar uma resposta à questão inicial: O crime contra a humanidade tem um significado ou não?

Conforme o resultado desta pesquisa, a resposta da ética social deverá ser baseada num fundo diferente.

No excelente livro de Emmanuel Lévinas: **De Dieu qui vient au monde**<sup>23</sup>, lemos no capítulo sobre o excesso do mal, que este sempre em si se revela como sendo uma **"manifestação concreta e por assim dizer palpável do não-integrável, do não-justificável"**<sup>24</sup>.

A partir desta base, Lévinas demonstra que **"na aparência do Mal, em sua fenomenalidade original... se anuncia... o não achar o lugar,**

**a negação de cada acomodação com algo... uma contranatureza... e neste sentido o transcendente"**<sup>25</sup>. Mas é uma aparência do transcendente somente em sua negação, pois o mal, não sendo um ser, mas uma ausência de ser indissolavelmente ligada ao ser, não pode ter um significado ontológico, consequentemente não pode ter o mínimo sentido. Estas argumentações de Lévinas, válidas para o mal em si, podem ser aplicadas também na avaliação de todo mecanismo da máquina de sentido.

Não se pode negar que as tentativas dela de inverter os valores, declarando que o mal tem sentido, e logo não é o mal, pertencem elas mesmas à categoria do mal. Sendo assim, pertencem necessariamente a um nível metafísico. Ora, é correto basear a oposição contra todas as manifestações dos mecanismos manipulatórios também numa base metafísica.

Eis a fundamentação filosófica para o caminho proposto por Lévy. Para ele, o mal é o mal e nada mais.

Em busca de um aliado contra este mal, ele não se apóia em sutis argumentações filosóficas; mas, ele encontra a imagem do Deus de Moisés. Este Deus aceita o mal como sendo o mal e nada mais;

17. Id., ibid., p. 106.

18. Id., ibid., p. 228.

19. Id., ibid., p. 201.

20. Id., ibid., p. 115.

21. Id., ibid., p. 232.

22. Id., ibid., p. 238.

23. Lévinas Emmanuel: *De Dieu qui vient à l'idée*, Paris, 1982.

24. Id., ibid., p. 197.

25. Id., ibid., p. 198.

sendo aquilo que contra o mundo é no mundo como *"um denso, mas insensato buraco do ser"*<sup>26</sup>. Mas nunca este Deus dá o mínimo significado a este mal. Reencontramos a formulação escrita acima: o mal é o mal e nada mais. E cada força que tenta negar esta simples definição, pertence também ao mal<sup>27</sup>.

Portanto, a partir do Deus de Moisés, o homem encontra um aliado. Ele encontra um aliado também e sobretudo contra a manifestação mais moderna do mal, quer dizer, contra a máquina de sentido. *"O Monoteísmo"* — diz Lévy — *"é o pensamento da resistência de nossa época"*<sup>28</sup>. Esta formulação não é gratuita numa época que — desde Feuerbach e Nietzsche — declara a sua independência total diante de Deus, num século marcado pela ausência Dele, ou pela sua *"morte"*.

Porém, numa viravolta dialética, esta morte de Deus revelou-se em nossos dias como sendo também a condição da possibilidade de sua volta, e assim também de sua re-descoberta pelo homem.

## 6. A NULIFICAÇÃO DO MAL NA DIALÉTICA DA "MORTE DE DEUS"

A partir do momento em que Deus desaparece, o homem *"toma o lugar e as funções que na metafísica tradicional pertencem a Deus"*<sup>29</sup>. *"Homo homini Deus est"*; — a famosa fórmula de Feuerbach torna-se realidade.

Ultrapassando de longe as formulações de Marx, esta linha de argumentação marca profundamente o pensamento do século XX. Bernard-Henry Lévy menciona, não sem ironia, o entusiasmo provocado no seu tempo pela proclamação da morte de Deus. Deus morto, o homem está livre! Eis a promessa de todos aqueles que votaram pela abolição do antigo Javé.

No entanto, parece que a dialética desta libertação não fez felizes aqueles que festejaram *"numa jubilação homicida"*<sup>30</sup> a morte do Criador. Pois *"de repente o sonho se vi- ra e se transforma num pesadelo"*<sup>31</sup>.

O eixo desta argumentação não é nada original. Nós o encontramos já no pensamento de Dilthey, formulado de maneira mais acentuada. Em sua filosofia, este pensador sustenta vivamente a tese que o homem, havendo atingido depois da *"morte de Deus"* uma

*"relatividade de toda espécie de fé"*<sup>32</sup>, se reconhece agora como *"condicionado por um outro que o porta e o domina"*<sup>33</sup>.

Parece-nos que a história do homem está bem marcada por esta realidade.

Porém, com a *"morte de Deus"* e a nova dependência do homem, o mecanismo não parou, pois uma vez assassinado Deus, não existe razão para não assassinar também o homem.

Uma vez *"desprendido do absoluto"*<sup>34</sup>, este homem *"nada mais é do que matéria, e uma matéria muito relativa da grande obra da história"*<sup>35</sup>.

Mais claro ainda, esta *"redução"* do homem é descrita por Walter Schulz em seu livro: *Le Dieu de la Métaphysique Moderne*. A respeito da concepção do homem, ele diz aí: *"Esta libertação não dá ao homem uma dimensão imutável e histórica, ela faz dele um ser condicionado pela história"*<sup>36</sup>.

Os paralelos nas conclusões são evidentes.

Cabe agora a nós e à nossa moral social avaliar as manifestações deste condicionamento do homem. Mas a interpretação não basta, deve-se achar uma base para fundamentar uma pista de saída; para *"desmentir o veredicto dos fatos"*<sup>37</sup>; para *"destituir a história e seus imperativos impostos"*<sup>38</sup>. A tarefa de uma tal moral não é fácil, pois ela parte das ruínas não só do político, mas mais ainda de todas as ideologias salvíficas e mortíferas, para sustentar os direitos do homem em nome de um humanismo que deve estar à altura do Homem e ao mesmo tempo do Absoluto. E ela deverá sustentar este humanismo contra *"o culto do político"*<sup>39</sup> e sua realização nos totalitarismos de esquerda e de direita; contra um totalitarismo que freqüentemente é *"estranhamente de ordem sagrada e religiosa"*<sup>40</sup>. São as manifestações deste totalitarismo que Lévy nomeia *"um crime contra a humanidade"*<sup>41</sup>.

## 7. AS MANIFESTAÇÕES DO TOTALITARISMO SAGRADO

O *"crime contra a humanidade"* manifesta-se sob dois níveis princi-

26. Lévy: op. cit. p. 232.

27. Esta conclusão vale no nível da lógica. Para uma visão religiosa, ela deveria ser discutida na luz das palavras de S. Paulo sobre o escândalo da cruz (1Cor 1,18).

28. Lévy: op. cit. p. 201.

29. Schulz Walter: *Le Dieu de la Métaphysique Moderne*, ed. du Centre National de La Recherche Scientifique, Paris, 1978, p. 101.

30. Lévy: op. cit. p. 105.

31. Lévy: op. cit. p. 106.

32. vide Schulz, op. cit. p. 102.

33. Schulz: op. cit. p. 104.

34. Id., ibid., p. 107.

35. Lévy: op. cit. p. 107.

36. Schulz: op. cit. p. 102.

37. Lévy: op. cit. p. 8.

38. Id., ibid., p. 8.

39. Id., ibid., p. 10.

40. Id., ibid., p. 19; vide também p. 114.

41. Id., ibid., p. 256.

pais, interligados um ao outro através de inumeráveis conexões.

Deve ser mencionado em primeiro lugar o totalitarismo político. Para as manifestações dele, Lévy gosta de usar a noção de GULAG, referindo-se claramente ao célebre livro de Alexandre Solschenizyn. São nestes países do GULAG, que *"o direito cede o seu lugar à demência de um assassinio sem sentido e sem razão"*<sup>42</sup>.

Contra esta formulação parece necessário alertar sobre o fato de que na ótica da máquina de sentido, os assassinios e crimes mencionados em nada são *"sem sentido e sem razão"*. Muito pelo contrário! Dentro da visão do GULAG, eles têm uma razão muito evidente, pois o poder se serve deles como meio de opressão e de intimidação para a conservação do sistema. Observando o quadro da situação mundial, pode-se dizer nos dias de hoje que numa escala geral e mundial, *"o crime contra a humanidade"* tornou-se um meio normal para a manutenção de qualquer poder totalitário.

O grande escândalo de hoje é que este fato já voltou ao segundo plano perante as tentativas dos mecanismos manipuladores de dar sentido a ele.

A maneira e as argumentações usadas para as justificações destas prá-

ticas, nos conduz diretamente ao segundo nível das manifestações do totalitarismo, dizendo assim evidente as ligações íntimas, mencionadas no início deste capítulo.

É aqui que, novamente, entra em funcionamento aquilo que Lévy nomeia a *"Máquina de Sentido"*<sup>43</sup>, isto é, a transmutação conseguida que todos aqueles que se opõem em GULAG, sejam nomeados *"dissidentes da ordem social estabelecida, cujo espírito deve ser corrigido"*<sup>44</sup>.

Os métodos para esta correção são conhecidos desde que neste mundo existem sistemas totalitários. Nos dias de hoje acrescentam-se a eles também os meios de uma psiquiatria corrompida.

A trágica escalação consiste no fato de que os adeptos destes métodos, profundamente marcados e convencidos pela Máquina de Sentido, consideram o seu *"trabalho"* não mais um crime contra a dignidade do homem, mas uma luta justa e responsável para a conservação de uma ideologia ou idéia sacralizada, que assim se veste com todos os atributos de um ídolo todo-poderoso. Porém, nenhum mecanismo de manipulação poderá disfarçar o caráter idolátrico de qualquer ideologia, a partir do momento onde, em nome desta ideologia se pisa na face do homem,

desprezando profundamente a dignidade daquele que foi criado à imagem e semelhança de Deus.

Todo poder, no entanto, e toda ideologia do poder, têm a tendência de se absolutizar pisando no homem para se auto-sustentar. Mas, é exatamente esta tendência que este poder tenta disfarçar, recorrendo a todos os meios da assim chamada *"Máquina de Sentido"*. O resultado de seus meios sutis de manipulação já produziram um tal efeito, que a maioria dos homens nas sociedades pós-industriais nem mais se tornam conscientes da manipulação, à qual estão sujeitos. Não só isso, uma faixa cada vez maior destas populações acham uma tal manipulação *"normal"* ou, melhor ainda, buscam eles mesmos legitimar o poder que os manipula. Último resultado de uma manipulação que conseguia transmutar os valores, fazendo de si mesmo um valor amado por aqueles que estão sendo manipulados.

Confrontados com tal situação se põe de novo a questão pelo valor do ser humano. Um valor que é acima de toda ideologia e de todo legalismo proclamado por qualquer poder.

Contra todas as tendências deste poder, vale ainda e para sempre a primazia do homem. Vale por causa de sua dignidade como imagem de Deus verdadeiro. Vale

contra a tendência de todo poder idolátrico, de fazer deste homem uma imagem conforme a sua imagem, conforme as suas concepções, uma imagem que por sua vez se revela idolatria.

É esta dimensão idolátrica que faz do problema do poder e dos direitos do homem, ante o poder, uma questão profundamente teológica e bíblica. Encontramos hoje nas tendências manipulatórias do poder, todos os elementos dos Baals, dos quais fala tanto o Antigo Testamento. A luta contra o poder, se veste conseqüentemente de todas as características da antiga luta bíblica do Deus verdadeiro, contra os ídolos. Ela se revela como sendo no fundo, uma luta inspirada por razões teológicas.

## 8. O DEUS DA BÍBLIA COMO FORÇA DE LIBERTAÇÃO

Numa situação, em que os homens parecem cada vez mais succumbir às forças manipulatórias de tantos poderes, sejam eles de caráter político, econômico ou religioso, a única força capaz de opor-se aos mecanismos de submissão totalitária, é uma força religiosa. E na pessoa e no agir do Deus Javé do Antigo Testamento, encontramos *"a desconfiança frente a todas as normas encarnadas, a todos os deuses profanos"*<sup>45</sup>. Através de toda a história do Antigo Testamento, este Deus Javé

42. Id., *ibid.*, p. 21.

43. Id., *ibid.*, p. 225.

44. Id., *ibid.*, p. 19.

45. Id., *ibid.*, p. 10.

lutou contra os ídolos. E os totalitarismos de hoje, assim pensa Lévy, não são outros, senão ídolos modernos.

Conseqüentemente, será o Deus de Moisés e da Bíblia que nos ensinarão a resistência contra os Baals modernos, pois este Deus "sempre aparecia mostrando resolutamente as costas a cada superstição"<sup>46</sup>.

O culto dos muitos totalitarismos, porém, sejam eles abertos ou escondidos até atrás de uma linguagem religiosa, não é nada mais do que isso: uma supersti-

ção e uma idolatria.

Toda idolatria, porém, esconde o rosto do verdadeiro Deus. E toda idolatria mutila também o rosto daquele que foi feito à imagem e semelhança deste Deus: o homem.

*Renold J. Blank* é Doutor em Teologia Dogmática, Doutor em Filosofia e Professor de Filosofia e Escatologia na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

Endereço:

Av. Nazaré, 993

CEP 04263-100

Ipiranga - São Paulo

## OS CC. 204-205 E OS CONCEITOS DE "POVO DE DEUS" E "CHRISTIFIDELIS" COMPARADOS COM A LUMEN GENTIUM

Côn. Dr. Martin Segú Girona

1. O tratado dos fiéis no Código de 1917 era conhecido como o "De Personis". O novo Código, ao tratar dos fiéis baseia sua doutrina e conteúdo no capítulo II da *Lumen Gentium*. Por isso, recebeu o mesmo nome desta Constituição Dogmática, ou seja "De Popolo Dei".<sup>1</sup>

2. As diferenças entre os dois Códigos são de ótica e de conteúdo teológicos: A tônica do Código de 1917 era uma visão individualista, a do novo Código é mais comunitária e social. O Código anterior preocupava-se mais com a salvação dos indivíduos. A estrutura do antigo Código era a do Direito Romano e em particular a oriunda das "Institutiones" de Jus-

tiniano<sup>2</sup>, que apresentava os grandes tratados: de *personis*, de *rebus et actionibus*. Apesar disso pode-se dizer que o espírito do Código de 1917 também era comunitário.

3. No Novo Código a eclesilogia é a do Vaticano II e por isso a perspectiva é bem mais comunitária. A tendência do novo Código é a de sublinhar a comunhão, a comunidade em si e o social. O Novo Código, no seu livro II, tentou sintetizar e, às vezes se limitou a transcrever os aspectos mais importantes da Constituição Dogmática do Vaticano II. O Código de 83, distribuiu os conteúdos axiais da Constituição Dogmática em três grandes partes ou tratados,

46. Id., *ibid.*, p. 164.

1. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, título do capítulo II; O Povo de Deus in *Compêndio do Vaticano II*, Editora Vozes Limitada - 2ª edição, 48.

2. Cfr. AA.VV. *Istituzioni di diritto romano* (Simone-Napoli 1986) 14-16.